



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO**  
**CAMPUS COLINAS**  
**CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E**  
**LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**ELISSANDRA LEAL BARROSO LIMA**

**(RE)EXISTÊNCIA FEMININA:** Um olhar sobre a (Re)construção da personagem Macabéa  
em *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

Colinas  
2025

**ELISSANDRA LEAL BARROSO LIMA**

**(RE)EXISTÊNCIA FEMININA:** Um olhar sobre a (Re)construção da personagem Macabéa  
em *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua  
Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa,  
da Universidade Estadual do Maranhão para o  
grau de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro.

Colinas  
2025

Lima, Elissandra Leal Barroso

(Re)existência feminina: um olhar sobre a (re)construção da personagem Macabéa em “A hora da Estrela”, de Clarice Lispector / Elissandra Leal Barroso Lima. - Colinas - MA, 2025.  
39 f.

Artigo Científico (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro.

1. A hora da Estrela. 2. Representação feminina. 3. Visibilidade. 4. Reconstrução. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)

**Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445**

**ELISSANDRA LEAL BARROSO LIMA**

**(RE)EXISTÊNCIA FEMININA:** Um olhar sobre a (Re)construção da personagem Macabéa  
em *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua  
Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa,  
da Universidade Estadual do Maranhão para o  
grau de licenciatura em Letras.

Aprovado em: 11/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**



Documento assinado digitalmente  
**ABILIO NEIVA MONTEIRO**  
Data: 09/02/2026 22:39:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro (Orientador)**  
Universidade Estadual do Maranhão



Documento assinado digitalmente  
**MARCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO**  
Data: 10/02/2026 18:41:54-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. Márcia do Socorro da Silva Pinheiro (membro)**  
Universidade Estadual do Maranhão



Documento assinado digitalmente  
**LAIZE OLIVEIRA SILVA**  
Data: 10/02/2026 15:37:54-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Esp. Laize Oliveira Silva (membro)**  
Universidade Estadual do Maranhão

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria  
Elizete.

À minha irmã Elaine.

Aos meus filhos, Samuel e Ísis.

Ao meu companheiro de vida, Antônio José.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo seu infinito amor e misericórdia.

A pessoa mais íntegra que eu conheço, uma fortaleza em forma de mulher, é minha mãe, Maria Elizete. Metade do que me tornei devo à senhora.

À minha irmã Elaine, por ter dito, repetidamente, que eu conseguiria. Você é minha inspiração quando penso em foco e determinação.

Aos meus filhos, Samuel e Ísis, que, por muitas vezes, inconscientemente, me fortaleceram através de seus afagos e sorrisos. Vocês são a razão do meu existir.

Ao meu companheiro, Antônio José, por ter me incentivado desde a preparação para o ingresso na faculdade e por ter me feito acreditar que eu conseguiria chegar até aqui. Você me ajudou a romper o medo de fracassar.

Ao meu querido mestre Abílio Neiva, pela honra de tê-lo como orientador. Pela dedicação, generosidade, paciência, parceria, cuidado e direcionamentos fundamentais para tornar este trabalho tão especial. Sinto-me honrada por ter você presente neste momento da minha vida.

Aos meus professores de todas as minhas etapas escolares. Carrego um pouco de cada um de vocês em minha vida.

Aos meus professores do curso, que compartilharam com excelência os seus conhecimentos e sempre acreditaram no meu potencial.

*“Por que há o direito ao grito. Então eu grito.”*  
*(Clarice Lispector)*

## RESUMO

Historicamente, o sujeito feminino foi constituído por interferências sociais de estereótipos determinantes para a sua condição: a de ser mulher. Logo, pensar na condição feminina como agente de transformações e de lutas de resistência por direito à igualdade significa reagir à complexidade que é a sua posição numa sociedade onde a misoginia ainda se manifesta constantemente. Portanto, por intermédio deste estudo, pretende-se analisar como se constitui a representação feminina em Macabéa de *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e, posteriormente, identificar os elementos de (re)construção da personagem. Para este fim, foi realizada uma pesquisa de carácter bibliográfico e qualitativo, na qual se buscou evidenciar como as influências históricas, ideológicas e sociais afetam o comportamento da personagem, apontando seus aspectos de resistência a partir da escrita. Neste sentido, atentou-se para o estudo das raízes históricas e sociais das diversas tentativas de apagamento e silenciamento, que reforçam e perpetuam os estigmas patriarcais atribuídos à mulher. Para além disso, para a fundamentação teórica do referido trabalho, utilizaram-se Simone de Beauvoir (2009), Angela Davis (2016), Judith Butler (2018), Heleieth Saffioti (2015), Pierre Bourdieu (2002) e Catherine Walsh (2013), dentre outros. Por conseguinte, no decorrer da pesquisa, notou-se a escrita de autoria feminina como instrumento fundamental no que diz respeito à visibilidade da mulher nas diversas esferas sociais, nas quais ela ocupa um espaço de pertencimento.

Palavras-chave: *A hora da Estrela*. Representação Feminina. Visibilidade. Reconstrução.

## ABSTRACT

Historically, the female subject has been constituted by social interferences of stereotypes that determine her condition: that of being a woman. Therefore, thinking about the female condition as an agent of transformation and resistance struggles for the right to equality means reacting to the complexity of her position in a society where misogyny is still constantly manifested. Thus, through this study, we intend to analyze how the female representation in Macabéa from Clarice Lispector's *The Hour of the Star* is constituted, and subsequently, to identify the elements of (re)construction of the character. To this end, a bibliographic and qualitative research was carried out, in which we sought to highlight how historical, ideological, and social influences affect the character's behavior, pointing out her aspects of resistance through writing. In this sense, attention was paid to the study of the historical and social roots of the various attempts at erasure and silencing, which reinforce and perpetuate the patriarchal stigmas attributed to women. Furthermore, for the theoretical foundation of this work, the following were used: Simone de Beauvoir (2009), Angela Davis (2016), Judith Butler (2018), Heleieth Saffioti (2015), Pierre Bourdieu (2002), and Catherine Walsh (2013), among others. Consequently, during the research, the writing of female authorship was noted as a fundamental instrument regarding the visibility of women in the various social spheres in which they occupy a space of belonging.

Keywords: *The Hour of the Star*. Female Representation. Visibility. Reconstruction.

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                             |           |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                     | <b>10</b> |
| <b>2</b> | <b>(IN)VISIBILIDADES E RESISTÊNCIAS: ASPECTOS SOBRE GÊNERO, SUBJETIVIDADE E SILENCIAMENTO FEMININO.....</b> | <b>11</b> |
| 2.1.     | A mulher e o apagamento histórico-literário .....                                                           | 12        |
| 2.2.     | (Re)existência: conceito e aplicação .....                                                                  | 18        |
| <b>3</b> | <b>A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA .....</b>                                              | <b>20</b> |
| 3.1      | Tecendo linhas pelo tear da vida .....                                                                      | 20        |
| 3.2      | A personagem feminina na obra de Clarice Lispector .....                                                    | 26        |
| <b>4</b> | <b>ENTRE MORTE E LIBERDADE: A (RE)EXISTÊNCIA FINAL.....</b>                                                 | <b>29</b> |
| 4.1.     | Macabéa: da invisibilidade à escrita da existência .....                                                    | 29        |
| 4.2.     | A desconstrução da mulher ideal.....                                                                        | 32        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                            | <b>35</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                    | <b>37</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero abrangem um vasto campo de pesquisa e têm como um dos principais propósitos resgatar e analisar os elementos sociais constituintes na formação de uma sociedade onde o machismo e a misoginia continuam sendo um problema social e estrutural significativo no Brasil e no mundo. Por esta via surge este estudo, que visa discutir a representação feminina apresentada em inúmeras obras literárias, bem como os desafios sociais e estruturais que ainda permeiam, refletindo na ruptura de estereótipos atribuídos estritamente à mulher. Para além disso, busca-se compreender como a escrita de autoria feminina contribui para a visibilidade da mulher nas diversas áreas sociais.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar como se constitui a representação feminina da personagem Macabéa em *A hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector. Por conseguinte, os objetivos específicos incluem: **a)** identificar os elementos de construção da personagem; **b)** evidenciar como as influências históricas, ideológicas e sociais afetam o comportamento da personagem; **c)** apontar os aspectos de resistência de Macabéa a partir da escrita.

Assim sendo, serão explicitadas algumas reflexões a respeito da condição da mulher e como esta deve se portar, segundo o que rege a sociedade, contudo, compreendendo os valores morais, políticos e sociais de uma época, como regras alinhadas ao contexto histórico. Sendo assim, pensando nas questões voltadas para o sujeito feminino, considerou-se pertinente abordar as vertentes que competem à representação feminina na literatura, com seu devido cuidado, dada a importância da construção histórica e identitária de cada sujeito em sociedade.

Após debater a representação da voz feminina na literatura, uma das fortes linhas de pesquisa da Crítica Feminista<sup>1</sup>, sucede, então, apresentar as contribuições da mulher nas esferas políticas, educacionais, científicas, midiáticas, entre outros espaços. Propõe-se, ainda, expor como os elementos de construção da personagem Macabéa corroboram as críticas sociais apresentadas na obra, bem como demonstrar de que maneira as influências históricas, ideológicas e sociais moldam o comportamento da personagem. Por outro lado, ressaltando os aspectos de resistência da protagonista na narrativa e principalmente, na escrita de Clarice Lispector.

---

<sup>1</sup> A *Crítica Feminista* é uma linha de estudo que examina e questiona as estruturas de poder patriarcais na sociedade e na cultura, abordando as questões de gênero, sexualidade e raça.

Neste contexto, o processo de pesquisa deste trabalho se deu por intermédio da busca e análise minuciosa de dados bibliográficos, os quais estão ancorados nos estudos de alguns teóricos que contribuíram de maneira singular no cenário dos estudos literários concernentes aos processos de resistência feminina na escrita, utilizando como parâmetro de análise o romance eleito como *corpus* deste trabalho. Desse modo, o romance *A hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector, será o instrumento de análise desta pesquisa, na qual a revisão e a exploração de teorias pertinentes à problemática apresentada estão fundamentadas nos estudos de Simone de Beauvoir (2009), Angela Davis (2016), Judith Butler (2018), Heleieth Saffioti (2015), Pierre Bourdieu (2002) e Catherine Walsh (2013).

Considerando os estudos dos teóricos mencionados, atentou-se para a investigação dos aspectos sociais, patriarcais e ideológicos, os quais subsidiam a disseminação das opressões direcionadas especificamente à mulher. A partir destes pontos, compreende-se a literatura como uma ferramenta de inclusão e de denúncias sociais, na qual o sujeito feminino emergiu paulatinamente nos espaços onde o silenciamento e o apagamento faziam parte das regras impostas pelo sistema patriarcal.

Por conseguinte, o trabalho está organizado em seções que apresentam revisões teóricas pertinentes ao tema proposto e, posteriormente, a análise da personagem Macabéa em *A hora da Estrela* (1977). Na primeira seção, ressalta-se alguns aspectos sobre gênero, subjetividade e silenciamento feminino e como essas implicações refletem no apagamento da mulher na literatura. E, ainda, como a mulher é moldada historicamente e socialmente a partir da perspectiva masculina, o que causa, assim, a não garantia da emancipação feminina.

A segunda seção trata da representação feminina na literatura brasileira e da trajetória da escrita de mulheres arrojadas no que se refere aos enfrentamentos de forças históricas do machismo. Por último, a terceira parte do estudo apresenta a análise crítica da personagem Macabéa, antecipando-se às noções de mulher ideal na escrita. Evidencia-se também como a protagonista de Lispector sai de um lugar de apagamento para um espaço de visibilidade por intermédio da escrita.

## **2 (IN)VISIBILIDADES E RESISTÊNCIAS: ASPECTOS SOBRE GÊNERO, SUBJETIVIDADE E SILENCIAMENTO FEMININO**

O cenário das lutas de resistência feminina é marcado por manifestações de mulheres que emergiram de um lugar socialmente silenciado pelo sistema patriarcal. Com efeito, a escrita tornou-se uma das ferramentas fundamentais para o alcance dos espaços e a ruptura dos

preceitos instituídos ao sujeito feminino; portanto, nesta seção trataremos de algumas questões de gênero e dos processos constituintes da visibilidade como um todo.

## 2.1. A mulher e o apagamento histórico-literário

Ao longo da história, o lugar social do sujeito feminino foi repleto de desafios decorrentes de interferências sociais, culturais e religiosas, entre outras. Tais interferências permeiam sutilmente até os dias atuais, tornando-se subsídios para a construção dos estereótipos os quais são atribuídos estritamente à mulher; contudo, é importante ressaltar o cuidado com o trato de temas referentes à figura feminina no que concerne à literatura. Nessa perspectiva, deve-se atribuir às condições de produção<sup>2</sup> a forma como a sociedade é elaborada e organizada politicamente e culturalmente, considerando o contexto em que o indivíduo está inserido.

Os estudos sobre vidas femininas evidenciam a construção de um espaço que foi renegado por muito tempo; além disso, esse debate, em algumas obras literárias, reforça a ruptura com a opressão feminina e suas implicações. Contudo, é importante salientar que o foco dessa pesquisa não é apenas tratar das discussões sobre o patriarcado, mas também evidenciar como seus marcadores sociais afetam, principalmente, mulheres pertencentes a classes menos abastadas. Para além disso, o estudo corrobora a ideia de que a mulher é a protagonista de suas próprias histórias, vivências e identidade, e não apenas um reflexo do que a sociedade espera dela. Assim, segundo Simone de Beauvoir:

A HISTÓRIA mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela constituiu concretamente como Outro [...] (Beauvoir, 2009, p. 179).

Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo* (2009), investiga o que é, de fato, ser mulher e traz à tona temas considerados irrelevantes para a sociedade durante muito tempo, como a liberdade e a objetificação feminina diante do homem. Suas reflexões acerca do "ser feminino" partem do pressuposto de que "todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher"<sup>3</sup>. Para a autora, a sociedade molda o ser humano do sexo feminino de acordo com as ideologias estabelecidas pelo sujeito masculino<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Considerar as condições de produção dos textos literários é fundamental para a compreensão do contexto histórico, social e cultural de uma sociedade.

<sup>3</sup> BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, RJ, Nova Fronteira, 2009, p.7.

<sup>4</sup> Reflexões retiradas de *O Segundo Sexo* (2009), da autora.

Mediante a reflexão da autora, é notório que ela entende que a mulher é escrava de sua própria situação, portanto, destituída de passado, história e religião. Sobre essa ideia, a autora explica:

A necessidade biológica — desejo sexual e desejo de posteridade — que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher. O senhor e o escravo estão unidos por uma necessidade econômica recíproca que não liberta o escravo. É que, na relação do senhor com o escravo, o primeiro não põe a necessidade que tem do outro; ele detém o poder de satisfazer essa necessidade e não a mediatiza; ao contrário, o escravo, na dependência, esperança ou medo, interioriza a necessidade que tem do senhor; a urgência da necessidade, ainda que igual em ambos, sempre favorece o opressor contra o oprimido: é o que explica que a libertação da classe proletária, por exemplo, tenha sido tão lenta (Beauvoir, 2009, p.14).

Com base na citação de Beauvoir, fica em evidência que a dependência biológica ou econômica não garante a emancipação dos sujeitos historicamente oprimidos, principalmente as mulheres. Assim como o desejo sexual e reprodutivo não libertou a mulher da dominação masculina, a relação entre senhor e escravo também não assegurou igualdade, já que o poder permanece nas mãos do opressor, que exclui e violenta o outro.

Nessa perspectiva, a opressão é firmada não apenas pela necessidade, mas também por uma espécie de dependência do oprimido, que transforma sua urgência em submissão. Dessa forma, Beauvoir ressalta que a libertação exige uma ruptura estrutural e uma consciência crítica, e não apenas a constatação de necessidades compartilhadas.

Do mesmo modo, o sujeito feminino foi construído através de estereótipos determinantes para a sua condição: a de ser mulher. O seu legado se constituiu através de batalhas nem sempre favoráveis ao que se almejava, visto que até hoje, os julgamentos sociais recaem sobre a mulher através de diversas formas de silenciamento. Com efeito, as raízes históricas e sociais dessas tentativas de apagamento reforçam e perpetuam os padrões tradicionais estabelecidos sobre o sujeito feminino; desse modo, as implicações da construção de sua autonomia afetam as esferas políticas, culturais, religiosas, educacionais, entre outras.

Assim como ocorre em Beauvoir, as contribuições da estudiosa Judith Butler deslocam o entendimento tradicional de gênero como algo fixo ou natural, mostrando que ele é resultado de processos sociais, culturais e discursivos. Butler propõe a ideia de que é "impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida"<sup>5</sup>. Assim, a noção de gênero não se limita a uma essência ou identidade estável, mas

---

<sup>5</sup> BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p.17.

sim a uma performance, e consequentemente, se constitui por meio da repetição de normas, gestos, práticas e discursos, os quais a sociedade impõe.

Além disso, a autora inverte o debate de gênero do campo da biologia para o campo da cultura e do poder, mostrando que as identidades não são naturais, mas construídas, repetidas e passíveis de transformação. Corroborando com a discussão, a ensaísta Heloísa Buarque de Hollanda esclarece a construção do pensamento de Butler:

Judith Butler, ao longo de seu pensamento sobre gênero, interroga todo e qualquer essencialismo identitário através de uma análise filosófica sobre a tensa relação entre sexo, gênero e desejo. A autora expõe a ideia de performatividade de gênero, ou seja, a ideia de que o gênero não é algo que nós somos, mas sim algo que constantemente fazemos, colocando o gênero diretamente em relação a determinadas temporalidades sociais. Para Judith Butler, o gênero não tem estatuto ontológico fora dos atos que o constituem (Hollanda, 2019, p.13).

De acordo com a citação, Hollanda, ao comentar Butler, destaca a ruptura que a pesquisadora propõe em relação às concepções fixas de identidade de gênero. O ponto central é o gênero como uma essência imutável, mas uma performatividade, isto é, um conjunto de atos, práticas e discursos que são reiterados no tempo e no espaço social.

Seguindo a linha das discussões já expostas, é extremamente necessário trazer a perspectiva da filósofa e ativista Angela Davis (2016) na obra *Mulheres, Raça e Classe*, na qual expõe o seu olhar de maneira categórica no que diz respeito aos direitos civis da mulher. Sua obra é marcada por um pensamento que visa romper com as questões sociais. Ademais, a autora traz discussões relevantes quanto às condições da mulher negra no período escravocrata, fato que provavelmente seria um "agravante"<sup>6</sup> para as nuances sociais as quais a mulher é submetida. Na visão de Davis (2016):

Se, e quando, alguém conseguir acabar, do ponto de vista histórico, com os mal-entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação. Como leiga, posso apenas propor algumas hipóteses que talvez sejam capazes de orientar um reexame da história das mulheres negras durante a escravidão (Davis, 2016, p.2).

De acordo com o argumento de Davis, pensar na condição da mulher negra como agente de transformações e lutas por direito de igualdade, significa reagir à complexidade de sua posição na sociedade. Portanto, se para a mulher branca as imposições sociais eram ásperas, no

---

<sup>6</sup> Considerando o significado da palavra citada, utilizamos este termo para situar o leitor a respeito da posição da mulher negra na sociedade, visto que os atravessamentos sociais femininos contribuem significativamente para a sua exclusão como um todo.

regime escravocrata, para a mulher negra essas imposições eram severas, pois além de serem submetidas à exploração econômica, sofreram violência física e simbólica, "como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual"<sup>7</sup>. Dito de outro modo, o enfrentamento do racismo e o machismo acerca da mulher negra, contribuiu sobremaneira, para a ausência de autonomia em todos os aspectos possíveis, considerando o contexto do período escravocrata.

Angela Davis (2016) afirma que:

Obrigadas pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvida, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX (Davis, 2016, p.7).

Ao contrário do pensamento de Beauvoir acerca da construção dos estereótipos de feminilidade da mulher branca, segundo Davis, no caso da mulher negra (escravizada), essas marcas eram descartadas pelos senhores escravagistas; ou seja, eram exploradas, na maioria dos casos, mais do que os homens. Assim, enquanto a mulher branca era amparada socialmente pelas ideologias de feminilidade, executando papéis de esposas, mães, protetoras e donas de casa, a mulher negra sequer tinha o direito de exercer seu gênero, ou seja, eram simplesmente vistas e usadas como objetos sexuais.

Historicamente, a mulher negra sempre trabalhou mais fora de casa do que a mulher branca. Provavelmente, o vasto espaço de trabalho que ela ocupa hoje apenas reproduz os padrões implantados na era escravocrata. Por isso, é inegável a presença dos traços dessa construção dos estereótipos os quais rondam a mulher negra na sociedade vigente, o que a condiciona a sua não valorização social. Davis elucida essa sistemática:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (Davis, 2016, p.3).

Como caracteriza a ativista, a violência epistêmica contra a mulher negra ganhou reforço no período escravocrata. Portanto, a objetificação sexual da mulher escravizada era mantida pelos senhores escravagistas. Essas mulheres eram reduzidas à condição de fêmea e exploradas

---

<sup>7</sup> DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016, p.4

sexualmente pelos seus proprietários. Dessa forma, a sujeição feminina é um elemento que reverbera nas diversas formas de apagamento social, e suas consequências são a presença constante no "universo"<sup>8</sup> feminino.

Até aqui, tratou-se da condição feminina da mulher como um todo e, ainda, da mulher negra, mas é imprescindível ressaltar os estereótipos construídos acerca da mulher, entre eles, a nordestina. Por muito tempo, a mulher nordestina também foi estigmatizada pela desigualdade de gênero, pela violência simbólica e pela violência política. Esses fatores deixaram marcas que refletem os sistemas de poder patriarcais, históricos e sociais. Sobre essa perspectiva, Falci adverte acerca da condição da mulher nordestina:

Mulheres ricas, mulheres pobres; cultas ou analfabetas; mulheres livres ou escravas do sertão. Não importa a categoria social: o feminino ultrapassa a barreira das classes. Ao nascerem, são chamadas “mininu fêmea”. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregaram dentro delas (Falci, 2020, p. 112).

Na citação acima, Falci destaca a condição feminina como reflexo dos atravessamentos entre classes sociais e contextos históricos, marcados por imposições de comportamentos, papéis e expectativas desde o nascimento. Assim, apesar das diferenças entre mulheres ricas ou pobres, livres ou escravizadas, há uma experiência comum de controle social sobre seus corpos e atitudes. Cabe ressaltar que Falci também reconhece que essas mulheres não foram apenas sujeitas passivas da opressão, mas também viveram e carregaram o seu tempo, participando ativamente da história em suas singularidades.

Para reforçar essa máxima, a socióloga Heleieth Saffioti (2015) reconhece a raiz das diversas opressões femininas, como consequência proveniente dessas três formas de dominação: patriarcado, racismo e capitalismo, as quais, segundo a autora, estão interligadas e contribuem incessantemente para a reprodução das desigualdades de gênero. Essa ideia reforça as contribuições ativistas de Davis a favor da mulher negra através de sua escrita. Neste sentido, o enfrentamento das lutas acerca das opressões femininas está associado às lutas contra o racismo e a exploração de classes.

No entanto, a proposta de Saffioti trata ainda das ideologias machistas circundantes à algumas mulheres. Ainda que seja uma minoria, algumas mulheres não questionam o direito de igualdade e permanecem num lugar de inferioridade social. Isso explica os processos de

---

<sup>8</sup> Aqui criticamos o termo, porque entendemos que este limita a mulher, colocando-a em um lugar específico e excluindo-a de outros espaços.

submissão e subalternidade feminina e de certo modo, ampara as ideologias regentes de uma sociedade patriarcal. Sob esse viés, Saffioti pondera:

Obviamente, os homens gostam de ideologias machistas, sem sequer ter noção do que seja uma ideologia. Mas eles não estão sozinhos. Entre as mulheres socializadas todas na ordem patriarcal de gênero, que atribui qualidades positivas aos homens e negativas, embora nem sempre, às mulheres, é pequena a proporção destas que não portam ideologias dominantes de gênero, ou seja, poucas mulheres questionam sua inferioridade social. Desta sorte, também há um número incalculável de mulheres machistas (Saffioti, 2015, p.36-37).

Alguns dos discursos responsáveis pela construção negativa da imagem da mulher, partem tanto do homem quanto de algumas mulheres. De fato, é necessário reconhecer que esse comportamento não é um normativo executado por todos os homens, mas está fortemente enraizado à figura masculina. Essa prerrogativa é resultado do que, segundo o sociólogo Pierre Bourdieu<sup>9</sup> (2002), segue os ditames estabelecidos socialmente, configurando-se em padrões masculinos e femininos.

Na verdade, a maneira como a mulher é vista através das lentes do patriarcado reforça o seu "desvalor" na sociedade; para além disso, existe a ideia ilusória de que os aspectos socioeconômicos, étnicos, sexuais ou religiosos "amenizam" os efeitos dolorosos causados por esse sistema social<sup>10</sup>. Nessa ordem, a dominação masculina sobre a mulher dispõe de estruturas sociais, as quais afirmam a existência de "uma divisão sexual de produção do trabalho e de reprodução biológica e social"<sup>11</sup>. Desse modo, essa divisão configura-se em atribuições de tarefas e responsabilidades diferentes entre homens e mulheres, com base em seu sexo; ou seja, enquanto o homem é alocado à esfera produtiva, a mulher é limitada ao trabalho doméstico e de cuidado.

Pierre Bourdieu (2002) pontua que:

[...] Assim, a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, *espontânea e extorquida*, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos *efeitos duradouros* que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe (Bourdieu, 2002, p. 50).

<sup>9</sup> Em *A dominação masculina* (2002).

<sup>10</sup> Reflexão retirada de uma página do *Instagram*, a *Nozy Content Agency* (*Nozyca*), a qual faz uma crítica acerca do contexto da visita da cantora Anitta à aldeia Kuikuro, no Parque Indígena do Xingu, (MT), em agosto de 2025.

<sup>11</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.45.

As discussões de Bourdieu afirmam que as relações sociais entre homens e mulheres são tradicionalmente regidas pela dominação masculina e pela submissão feminina. Nesse caso, o homem é concebido como símbolo de força e superioridade, e a mulher, como símbolo de fragilidade, sensibilidade, subalternidade e inferioridade.

Nesse sentido, é imprescindível ressaltar as implicações associadas ao sujeito feminino, as quais estão intrinsecamente ligadas às ideias de afastamento do lugar social o qual a mulher, enquanto um sujeito político, pode e deve ocupar.

## 2.2. (Re)existência: conceito e aplicação

O colonialismo foi uma prática predominante entre os séculos XV e XX e causou impactos sociais significativos que perduram até hoje. O domínio territorial, cultural, socioeconômico e religioso foi a maneira pela qual o sistema colonial encontrou para consolidar as estruturas de desigualdade existentes, as quais seguem firmadas pelos sujeitos "privilegiados". Assim, em se tratando de questões que envolvem raça, gênero e classe, a opressão colonial e tudo o que está ligado a esse sistema ainda se fazem presentes nas relações sociais dos sujeitos. Sobre este fato histórico, a pensadora Catherine Walsh expõe seu manifesto:

Meu grito, é claro, não é o mesmo que o grito das mulheres e homens que viveram e estão vivendo a ferida colonial e seu entrelaçamento de padrões de poder que racializam, empobrecem, sexificam, estupram, desumanizam e desterritorializam. Eu não grito "por" esses assuntos, não grito "por" os povos ou as comunidades. Eles têm seus próprios gritos. Meu grito faz parte de um horror relacionado e relacional, é um grito diante do sistema capitalista-extrativista-patriarcal-moderno/colonial que está matando a todos nós (embora não necessariamente da mesma forma), diante do desespero que se desespera (incluindo os chamados "progressismos") e diante do que e como fazer (fazer pensar, fazer agir, fazer lutar, para fazer as pessoas gritarem) em e a partir dos meus contextos e com outros contextos e coletividades de baixo (Walsh, 2013, p. 26).

Os efeitos colaterais do sistema colonial estão enraizados não apenas em termos políticos e econômicos, mas também nas dimensões do ser, do saber e do poder<sup>1213</sup>. Contudo, as camadas que sempre foram vistas pelo poder colonial com olhar de subalternidade, inferioridade e subjugação, com o passar do tempo, vêm sendo cada vez mais realocadas aos seus lugares sociais; isso ocorre, principalmente, por meio da escrita.

<sup>12</sup> Quijano chama de Colonialidade do Poder a herança do projeto colonialista engendrado pelos europeus, durante a conquista das Américas e África.

<sup>13</sup> FRANÇA, Isadora Gonçalves. Colonialidade do Poder, Colonialidade do Saber e Oligopólios de Comunicação de Massa. **Revista Ática (UFRG)**, n.39, Rio de Janeiro, 2023.

Dessa maneira, dá-se início ao processo de resistência dos grupos sociais afetados pelas estruturas desse modelo de controle social. No que se refere ao sujeito feminino, uma das formas de manifestação de resistência foi a escrita, como aponta Mendes *et al.* (2023):

Essa vivência com situações de desigualdade e demonstração de colonialidade do poder que escritoras pertencentes aos coletivos conhecem e com as quais têm contato na vivência de outras mulheres, por seu gênero, classe e raça, possibilitam a criação de personagens ficcionais com histórias que espelham histórias reais. Nos romances em foco, a análise destas narrativas com o suporte da decolonialidade têm grande relevância tendo em vista modos de opressão cujo cerne é a colonialidade do ser/poder/saber, o eurocentrismo, a branquitude patriarcal e as epistemologias heteronormativas (Mendes *et al.*, 2023, p.12).

Numa perspectiva histórica, as contribuições femininas na literatura, apesar das circunstâncias opressoras, têm alcançado uma relevante proporção no tocante à representatividade feminina na sociedade, principalmente por se tornarem um espaço de afirmação de identidade e de resistência. Em outros termos, à medida que a escrita feminina é fortalecida, os elementos constitutivos da feminilidade têm se afastado gradualmente dos preceitos domésticos, matrimoniais e maternais.

Outrossim, a escrita feminina se tornou uma ferramenta para a construção de visibilidade nas diversas áreas sociais. Dessa forma, as vozes femininas têm alcançado horizontes que outrora pareciam bastante longínquos, o que configura a sua visibilidade social como um todo. Sobre o princípio desse rompimento de invisibilidade, Guacira Louro adverte:

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como *são* ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens [...] (Louro, 1997, p.17).

Diante do argumento acima, uma das propostas desta pesquisa é elevar as discussões recorrentes sobre as contribuições da mulher para a sociedade. Ainda que reincidam sobre si julgamentos sociais por meio das diversas formas de silenciamento, o sujeito feminino tem, de fato, ocupado o lugar que é seu por direito, e esse feito alcança as esferas políticas, educacionais, literárias, midiáticas, científicas, entre outras, além de se destacar progressivamente mais no mercado de trabalho.

Não obstante os códigos sociais estabelecidos acerca da mulher perante a sociedade, a literatura tem sido um canal de transmissão de representatividade e resistência feminina, uma

vez que, agora, a mulher nem sempre é colocada em posições consideradas, por muito tempo, como fatores de sua função social: mãe, esposa, do lar, cuidadora. Conforme Mendes *et al.* (2023) expõe no prefácio de sua obra *A escrita de autoria feminina: Memória, Resistência e Decolonialidade*:

Trata-se de pensar o modo como a escrita de autoria feminina rompe silêncios, preenche lacunas e, por extensão, reescreve a história constituída por colonizações, ditaduras, confronto étnicos, exploração capitalista e relações hierárquicas/dicotômicas de gênero. Por esse viés, pensamos a literatura como um constructo cultural cuja potência é representativa do espaço e da voz conquistados ao longo do tempo, permitindo a construção de novas subjetividades nos modos de ser e sentir [...] (Mendes *et al.*, 2023, p.5).

Esta ideia reforça a importância da escrita de autoria feminina e demonstra como ela se tornou uma ferramenta que contribui para a visibilidade em múltiplas áreas sociais. Portanto, significa dizer que as vozes femininas, que por algum tempo foram silenciadas, agora ressoam com veemência; é certo que a violência simbólica ainda recai sobre a mulher, mas sua força e determinação prosseguem sendo firmadas.

Com base nisso, pode-se perceber que as ideologias patriarcais antes predominantes em relação ao sujeito feminino agora seguem outras dimensões, apesar de os resquícios desses valores sociais permanecerem evidentes na sociedade contemporânea. Estas mudanças ocorrem por conta das lutas de resistência contra a dominação e suas implicações, as quais têm por meta a defesa da liberdade e da autonomia do indivíduo<sup>14</sup>. Nessa ordem, a resistência refere-se à não aceitação de regras estabelecidas a determinados grupos socialmente apontados como distintos das convenções enraizadas de um sistema de dominação.

### 3 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA

A escrita de autoria feminina foi a maneira como muitas mulheres inconformadas manifestaram suas inquietações quanto aos limites impostos à sua condição. Diante disso, nesta seção abordaremos a representação feminina na Literatura Brasileira e como ela constitui os espaços, por muito tempo negados à mulher, visto que abrange uma pluralidade de vozes e a complexidade das experiências femininas retratadas nas obras.

#### 3.1 Tecendo linhas pelo tear da vida

---

<sup>14</sup> DOS SANTOS CARMO, Maria Virgínia Freire. "Lá onde há poder há resistência": governamentalidade e resistência na escola a partir de uma perspectiva foucaultiana. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, v. 17, n. 27, p. 347-361, 2021, p.357.

A trajetória da Literatura de autoria feminina no Brasil é composta por enfrentamentos de forças históricas do machismo, mas também é marcada por vozes incansáveis concernentes às lutas para a construção de um espaço onde as mulheres atualmente, podem questionar e transformar a sociedade. O início desse processo de ressignificação da condição da mulher perante a sociedade deu-se a partir das inquietações de outras mulheres que romperam com as convenções impostas pelo patriarcalismo.

No entanto, essa urgência pela busca da emancipação feminina através da escrita não foi uma tarefa fácil, já que a literatura é uma ferramenta de expressão a qual contribui para explicitar questões sociais recorrentes. Contudo, em se tratando da condição feminina entre os séculos XVIII e XIX, desvendar e trazer à tona essas questões implicava afrontas que desafiavam as tradições literárias patriarcais.

Como afirma Michele Perrot<sup>15</sup> (1998), a partir do século XVIII e principalmente do século XIX, a imprensa se tornou a principal forma de expressão e de formação da opinião pública. De acordo com Perrot (1998), o início da inserção da mulher no universo literário foi um processo que ocorreu sutilmente, tendo em vista que a imprensa fazia parte do mundo masculino.

Perrot<sup>16</sup> expõe ainda que, na França e na Grã-Bretânia, entre 1900 e 1914, os rodapés dos jornais se tornaram as primeiras oportunidades de leitura para as mulheres burguesas, nas quais elas se debruçavam sobre os escritos de outras mulheres; porém, esses textos eram limitados a crônicas de viagens ou mundanas e, sobretudo, a romances-folhetins. Em contrapartida, Lima<sup>17</sup> ressalta que, de maneira geral, a mulher na sociedade brasileira do século XIX vivia em condições reclusas, sem acesso à educação formal nem à vida cultural e literária do país.

Ainda sobre essa perspectiva, Louro<sup>18</sup>, relata que as últimas décadas do século XIX apontavam para a necessidade de educação da mulher, aliando-se ao projeto de modernização da sociedade. No discurso patriarcal do século XIX, a mulher era subjugada pelos homens, inclusive em sua capacidade criativa, sobretudo porque a educação tinha como objetivo formar mães e esposas reclusas e subservientes, para agradar e servir ao homem.

---

<sup>15</sup> PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.77.

<sup>16</sup> Em *Mulheres Públicas* (1998), da autora.

<sup>17</sup> LIMA, Maria de Lourdes. Literatura e sociedade em *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles: uma compreensão histórico-literária da ditadura militar no Brasil. **UNIMONTES**: Montes Claros, 2024, p.35.

<sup>18</sup> O pensamento da autora está exposto em seu livro *Gênero, sexualidade e educação*, 1997.

O Brasil do século XIX foi marcado pela publicação do romance *Úrsula* da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, sendo o primeiro romance a ser publicado por uma mulher no ano de 1859 e também o primeiro escrito por uma mulher negra. Além disso, é considerado o pioneiro enquanto romance abolicionista. Ademais, Firmina dos Reis contribuiu significativamente para a sociedade por meio de sua escrita e de ações na esfera educacional. De acordo com Santos (2016, *apud* Silva, 2024, p.35):

Ao denunciar a barbárie da escravidão no Maranhão do século XIX, Firmina dos Reis transmite para o leitor daquela época e, principalmente para os racistas brasileiros contemporâneos, uma verdade incontestável: 'Não sou descendente de escravos, sou descendente de seres humanos que foram escravizados'.

Neste sentido, Silva (2022) destaca que, em sua narrativa, o homem negro, mesmo que timidamente, ganhou voz e passou a ser sujeito na literatura brasileira, pois, em outro momento da literatura, o negro era condicionado a um objeto. Ao dar voz a Susana, Antero e Túlio, a romancista representou vivências, dores e saberes não apenas narrativos, mas também de uma realidade pouco explorada no universo literário.

Nesse ínterim, Firmina dos Reis publicou outras obras literárias além de *Úrsula*, em jornais, já a partir de 1860, assinando os seus poemas com as iniciais M. F. R. Assim, em 1861, o poeta Gentil Homem de Almeida Braga convida-a a participar da antologia *Parnaso maranhense*, e entre 1861 e 1865 publica o conto *Gupeva*, de temática indígena, com reimpressões em alguns jornais.

O seu livro de poemas, *Cantos à beira-mar*, foi publicado em 1871 pela Tipografia do País. Em 1887, novamente para circular na imprensa, publicou o conto *A escrava*, obra literária com o objetivo de agitar e propagar as campanhas abolicionistas que se seguiram até 1888. Também compôs letras para diversas valsas e para o *Hino da libertação dos escravos*, de que também compôs a melodia.

Por conseguinte, trataremos da trajetória de Carolina Maria de Jesus, outro nome que, assim como sua antecessora, Firmina dos Reis, deixou um legado que traz como marcas a determinação e a persistência. Para Rocha (2023, p. 62), sua escrita se trata de escrevivência, que em concepção inicial, como aponta Evaristo (2020, *apud* Rocha, 2023, p. 62) que desenvolveu o conceito, o mesmo se realiza no ato da escrita das mulheres negras, como sendo uma ação que pretende desfazer a imagem do passado na qual o corpo e a voz das mulheres negras escravizadas tinham sua potência acorrentadas sob o controle dos escravocratas.

No ano de 1960, Carolina Maria de Jesus se tornou conhecida no Brasil e em outros países, através de sua primeira publicação, o livro: *Quarto de Despejo: Diário de uma*

*Favelada*, no qual sua voz ecoa relatando o seu cotidiano na favela paulista de Canindé, entre os anos de 1955 e 1959. A obra é de caráter autobiográfico e não ficcional, tendo em vista que a autora expõe, de maneira singular, todas as dificuldades vivenciadas na favela.

A plataforma *Ancestralidades* apresenta a trajetória da escritora destacando suas contribuições para a literatura de autoria feminina como um marco que rompeu com os padrões literários no período do século XX, visto que através de sua escrita, ela não hesitou em denunciar todas as mazelas as quais, junto à população negra de Canindé, esteve submetida na época. Carolina Maria de Jesus, até os dias atuais, é considerada uma representante das vozes marginalizadas, pois encontrou, nos percalços que enfrentava, resistência para lutar contra o determinismo racial e de gênero.

Além disso, a voz de Carolina Maria de Jesus representa uma parte da sociedade através de outras obras que seguem o mesmo caráter autobiográfico de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*; são elas: *Casa de Alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1986). Na ficção, *Pedaços da Fome* (1963) é um romance no qual a autora constrói uma narrativa não autobiográfica, porém não hesita em utilizar a mesma linguagem dos anteriores, a fim de construir um imaginário acerca da fome e da exclusão social.

Assim como as vozes femininas já citadas, Lygia Fagundes Telles também contribuiu de forma relevante no que diz respeito à autoria feminina. Todavia, não se pode descartar a possibilidade de que, para Lygia Fagundes Telles, o processo de inserção no campo literário não tenha sido tão impiedoso quanto as trajetórias de vida de Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus.

Essas inconsistências se devem principalmente, ao fato de Fagundes Telles ser uma mulher branca, instruída e pertencente a uma classe social mais abastada. O contraste dessas distinções entre essas três autoras se delineia através de uma dicotomia prevista, uma vez que, para Fagundes Telles, o mundo literário foi apresentado desde cedo através de histórias contadas durante sua infância; em se tratando de Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, essas "histórias" eram reais, pois eram a história de suas próprias vidas. Entretanto, pontualmente, o que aproxima as três intelectuais, são as experiências compartilhadas de viver sob uma sociedade patriarcal e, conseqüentemente, a busca por uma voz, bem como um espaço próprio na Literatura.

Contudo, segundo Lima (2024, p.28-29), Fagundes Telles foi uma feminista convicta. A estudiosa ressalta ainda que a autora desenvolveu personagens femininas e se engajou na luta pela democracia e contra a censura, bem como que, em sua obra *As Meninas*, buscou construir a história a partir da perspectiva feminina. A ficção de Fagundes Telles explora, de forma

estrutural, a experiência interior e social do ser humano. Embora atraída pelo fantástico, pelo feminino, pelo histórico, em seus livros verifica-se um interesse temático especial pela condição humana, por meio de um ponto de vista intimista e memorialista, verificado em boa parte de suas personagens. Cabe ainda ressaltar, a respeito de sua primeira publicação, o romance *Ciranda de Pedra* no ano de 1954, que, nos dizeres de Antonio Candido (*apud* Lima, 2024, p.27), foi o romance que marcou a maturidade literária da autora. A partir de então, passou a escrever e publicar outras obras de grande importância para a literatura brasileira, como: *Verão no Aquário* (1963), *Histórias escolhidas* (1964), *O jardim Selvagem* (1964), *As horas nuas* (1989), *O seminário dos ratos* (1977), dentre outras.

Ainda percorrendo pelo cenário da escrita de autoria feminina, é pertinente abordar uma outra referência de autoria feminina negra, a professora e escritora Conceição Evaristo, criadora do conceito "escrevivência"<sup>19</sup>, termo que define uma escrita na qual a autora busca expor o cotidiano nos contextos de lutas e experiências pessoais. Embora escreva desde a juventude, Evaristo começou a publicar seus textos, somente a partir 44 anos de idade, no ano de 1990, nos *Cadernos Negros*, série de antologias editada pelo coletivo Quilombhoje<sup>20</sup>. Com seis livros lançados até 2017, ela é referência no que diz respeito à arte como ferramenta poderosa na luta contra o racismo e o machismo, que se encontram na base da sociedade e da literatura brasileiras.

Quanto ao seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, este foi publicado no ano de 2003, e traz como pontos fortes, a ancestralidade e o resgate de memórias. Evaristo também publicou outras produções, como contos e poemas. Entre elas estão: *Becos da memória* (2006); *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011); *Olhos d'água* (2014), entre outras.

Em depoimento a um encontro virtual<sup>21</sup> que ocorreu em 25 de julho de 2021, o qual os estudiosos Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte, entre outros, participaram, Evaristo em depoimento sobre suas reflexões através da escrita, justifica os motivos de trazer a representação do branco em *Ponciá Vicêncio*, pois para ela "os brancos significam a personificação do poder"<sup>22</sup>. Assim, segundo a autora, a ficção, de certa forma, não retira esse personagem desse lugar, mas constrói denúncias e, por conseguinte, rompe com as estruturas

<sup>19</sup> Termo criado pela autora, que une os termos "escrever", "viver" e "se ver".

<sup>20</sup> Veículo fundado em 1980, com objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura.

<sup>21</sup> Intitulado *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*.

<sup>22</sup> FUNDAÇÃO ITAÚ. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / (org). Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.28.

da segregação racial. A respeito da escrita de Evaristo, Constância Lima Duarte *et al.* (2020) enfatiza:

[...] a obra de Conceição Evaristo está contribuindo decisivamente para o fortalecimento da literatura feminista negra, ao dar o protagonismo às mulheres negras, e refletir sobre suas necessidades e reivindicações. Historicamente, o movimento feminista privilegiou as pautas de mulheres brancas, heterossexuais, da classe média e alta, e universalizou a categoria mulher como se todas sofressem o mesmo tipo de opressão, o que não é verdade. A única certeza é que toda mulher, independente da etnia, sexualidade e classe social, sofre com o machismo, a misoginia e falocentrismo - os pilares do patriarcado. E são muitas as personagens de Evaristo que representam este Feminismo em sua vertente contemporânea, que considera não só a condição de gênero, como também a etnia, a classe social e a orientação sexual. (Duarte, *et al.*, 2020, p. 148-149)

Ao refletir sobre as contribuições de Evaristo, Duarte (2020) afirma que a escritora abarca todas as condições dos sujeitos sociais quando coloca no papel experiências reais. Desse modo, mediante às complexidades enfrentadas pelas mulheres acerca dos preconceitos que limitam sua voz e sua liberdade de expressão, Evaristo constrói suas personagens utilizando aspectos de sororidade, não só feminina, mas em termos gerais, inclui todas as causas e questões sociais que afetam a mulher branca e/ ou negra, considerando toda e qualquer etnia, classe social e orientação sexual.

Considerando os enfrentamentos a tentativas de silenciamento acerca da literatura de autoria feminina desde meados do século XIX até o presente, faz-se necessário destacar a relevância da escrita da contemporânea Aline Bei, autora de narrativas inovadoras e extremamente ligadas ao interior do sujeito feminino. Bei constrói uma literatura a partir de um olhar que atua em busca da construção do lugar da mulher nos centros de suas narrativas.

Sua primeira publicação foi no ano de 2017, com o livro *O Peso do Pássaro Morto*, e em seguida, os demais: *Rua sem saída* (2020), *Pequena coreografia do adeus* (2021) e *Uma delicada coleção de ausências* (2025). Em *O Peso do Pássaro Morto*, a escritora aborda temas relacionados às omissões que permeiam a mulher desde sua infância, na tentativa de poupá-la, talvez por sua "fragilidade" socialmente construída. Outro ponto em destaque na narrativa de Bei é a imposição acerca da maternidade, ou seja, a mulher nasceu para ser mãe e para tudo o que envolve mandos e desmandos sobre o seu corpo.

Para Dias e Palazzo<sup>23</sup>, nos retratos sociais explorados em seus romances, pode-se compreender o *modus operandi*<sup>24</sup> da relação entre os gêneros no que se refere à figura de um

<sup>23</sup> DIAS, Ellen Mariany da Silva; PALAZZIO, Letícia. O feminino como projeto literário de Aline Bei em *Pequena Coreografia do Adeus* e *O peso pássaro morto*. Belo Horizonte, MG, 2024. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, v. 44, n. 72, p. 234.

<sup>24</sup> Expressão em latim que significa "modo de operar".

masculino que se impõe a um feminino de forma muito naturalizada. As autoras destacam também que, a partir desse e de outros desdobramentos, Bei atualiza, em seus romances, temas urgentes para o feminismo contemporâneo, tais como a desromantização da maternidade, a sexualidade da mulher, o abuso sexual, a violência física e simbólica, o abandono paterno e o silenciamento feminino.

E, por fim, outra referência da escrita de autoria feminina e a estrela central da pesquisa em questão: a modernista Clarice Lispector. Aclamada como um dos principais nomes da literatura brasileira, ela é responsável pela criação da enigmática Macabéa, exposta no seu último romance, *A hora da Estrela*, publicado pela primeira vez no ano de 1977. Seus livros anteriores também tiveram sua relevância; entre eles estão: *Perto do Coração Selvagem* (1943); *Laços de Família* (1960); *A Paixão segundo G.H.* (1964), entre outros. Mas o que a fez transcender, assim como uma Macabéa, foi seu último romance, publicado meses antes de sua morte.

A narrativa de Lispector é considerada inovadora devido à singularidade de sua escrita. Quanto à construção de Macabéa, a "estrela" de *A hora da Estrela*, pode-se compreender como uma personagem à altura de Lispector, tanto no que se refere aos aspectos de resistência e (re)existência quanto aos adornos da representação feminina como um todo. Lispector expõe Macabéa como retrato da segregação social, mas, ao mesmo tempo, da desconstrução de padrões.

Sob o olhar de Menezes (2016), as identidades que Lispector delineia em suas personagens transcendem a arquitetura textual e assumem um contexto que evidencia muitas chagas de uma sociedade machista. Nesse sentido, não se trata de simples “pessoas imaginadas”; trata-se, sobretudo, da representação de máscaras que estão em colisão no jogo de poder social, pautado pelo interesse pela desigualdade econômica, pela exploração do mais fraco, pela manutenção da figura mítica da “mulher tradicional”, virgem e imaculada, subserviente e disponível.

A obra de Lispector é amplamente traduzida e divulgada, o que a faz ser considerada pela crítica um símbolo da escrita feminina. Portanto, analisar a personagem dessa escritora requer um olhar crítico quanto à importância da construção daqueles sujeitos os quais não se conformam com os "nãos" que a sociedade oferece como resposta às suas lutas.

### **3.2 A personagem feminina na obra de Clarice Lispector**

A construção da escrita de autoria feminina, assim como a da personagem feminina nos textos literários, foi um ato ousado, considerando a época em que se iniciou a produção desses textos. Obviamente que essa visão advinha de um sistema social vigente, no qual a ideia de visibilidade social feminina através da literatura, era um conceito que ainda não cabia nas ideologias e princípios que atravessam gerações. Desse modo, as razões que infringiam as contraposições que a sociedade patriarcal fazia questão de solidificar em relação à inserção da mulher no campo dos estudos literários remontam a discussões pertinentes.

Assim, sutilmente, a representação feminina na sociedade, na arte e na história foi sendo construída por meio da literatura, mas de maneira distinta do que é considerado convencional. Neste sentido, cabe ressaltar que, historicamente, a figura feminina sempre foi retratada, principalmente em textos literários escritos por homens, ocupando os espaços socialmente construídos e especificamente destinados às mulheres – lar e procriação. Portanto, a escrita feminina configura uma espécie de ruptura de regras as quais deveriam ser cumpridas unicamente e exclusivamente pela mulher.

Lispector é uma das responsáveis pela "transgressão"<sup>25</sup> do modelo de escrita vigente entre os séculos XIX e XX. Ela, talvez por ter tido uma visão sensível quanto às questões intimistas do sujeito feminino, bem como às questões sociais, exerceu prontamente sua literatura de maneira esplêndida – apesar de não se considerar literata. Sobre isso, em depoimento, em sua crônica *Intelectual? Não.*, de 1968, Lispector afirma: "ser intelectual é usar sobretudo a inteligência, o que eu não faço: uso a intuição, o instinto" (Lispector, 2018, *apud* Correa, 2022, p. 65). Esta afirmação, retrata o quanto a escritora colocou de si dentro de suas obras, exprimindo a subjetividade feminina e a fragmentação do sujeito no seu íntimo, daí a singularidade de sua escrita.

Com uma escrita profunda e amplamente instigante, a criadora de Macabéa é consagrada como uma das vozes mais marcantes da literatura brasileira – feminina. Para mais, em uma crítica redigida sobre a estreia da escritora, o crítico Antonio Candido refletiu sobre sua narrativa, afirmando que ela era um dos valores mais sólidos da literatura em 1944 (Correa, 2022, p. 65). Nesse contexto, Lispector rompe com alguns padrões de escrita e suas narrativas trazem discussões fundamentais no âmbito literário, sendo assim, os traços modernistas presentes na escrita de Lispector constituem uma nova abordagem de construção das personagens femininas em suas obras.

---

<sup>25</sup> O termo utilizado neste contexto, traz um sentido de ruptura com as tradições literárias de uma época.

No seu primeiro romance intitulado *Perto do Coração Selvagem* (1943), Lispector traz Joana como a personagem central do livro, a qual se configura como uma típica figura de mulher, segundo as ideologias de gênero, senhora submissa ao marido, dona de casa e sem voz. É pertinente arriscar-se a afirmar que a escritora utilizou traços de Joana para construir Macabéa, já que as duas partilham a ideia de que "na procura está o sentido de sua existência" (Silva, 2012, p.125). Assim, através das crises existenciais vivenciadas desde a infância pela protagonista de *Perto do Coração Selvagem*, notam-se questionamentos ligados à construção de identidade e uma busca incessante por preencher um vazio que a consome.

Lispector também publicou o livro de contos *Laços de Família* (1960). Considerada uma coletânea mais próxima dos leitores, ganhou importância também ao suscitar reflexões sobre a instituição da família, retratada de modo central em todos os contos da obra<sup>26</sup>. Um dos pontos fortes presentes nos contos de *Laços de Família* é as questões voltadas para a instituição considerada essencial para o desenvolvimento da sociedade, a família. A autora aborda situações cotidianas, as quais revelam questões ligadas a relações familiares conflituosas, e, por intermédio de suas personagens, evidencia o sujeito feminino em suas entrelinhas.

Em *A Paixão Segundo G.H.* (1964), Lispector, segundo Hosni<sup>27</sup>, foge de tudo o que se espera de um romance, sendo o enredo breve e simples, constituindo, assim, apenas a estrutura sobre a qual a escritora desenvolve as vivências internas avassaladoras da personagem. Portanto, mais uma vez Lispector rompe com a escrita padronizada e transcende a lógica humana ao permitir que a personagem G.H mergulhe no seu próprio interior quando a própria se compara a uma barata, no contexto da narrativa. Possivelmente este é um dos motivos aos quais a autora se refere quando adverte na abertura do livro: "a leitura é para poucos, apenas aqueles de alma já formada serão capazes de encará-la, é preciso saber doar-se ao sofrimento que vem com toda grande transformação [...]" (Lispector, 2009, *apud* Hosni, 2022, p. 07).

*A hora da Estrela* (1977) é uma das obras mais marcantes da trajetória de Lispector. Escrito no período da Ditadura Militar, o romance apresenta a jovem Macabéa como uma personagem distante dos preceitos literários convencionais. Macabéa é uma jovem mulher nordestina em uma cidade grande. A protagonista de Lispector é exposta de maneira singular, pois a autora a descreve como uma jovem destituída dos padrões estabelecidos pela sociedade da época, que, em sua maioria, compõem as donzelas dos romances escritos por homens. São

---

<sup>26</sup> O recorte foi retirado do artigo científico *A recusa aos laços: transmissão psíquica em "Laços de Família"*, de Clarice Lispector, datado de 2022.

<sup>27</sup> HOSNI, Victoria Diniz. **A paixão segundo GH: um mergulho nas profundezas da alma**. São Paulo: 2022. Monografia (Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 07, 2022.

nítidas as aspirações<sup>28</sup> de resistência em Macabéia, sendo este um dos aspectos da escrita contemporânea de Lispector. Todavia, alguns traços de subalternidade da personagem justificam o contexto e a época em que o romance é ambientado.

Apesar de *A hora da Estrela* ter sido escrito em meados do século XX, os modelos sociais patriarcais ainda estavam muito presentes na sociedade. É justamente por isso que Lispector tenta representar o nordestino em sua narrativa e, para esse fim, escreve Macabéia. A autora a constrói de acordo com a forma como a sociedade da época enxergava o nordestino: muito pobre, empoeirado, analfabeto; no entanto, sua verdadeira e sutil intenção é mostrar ao leitor a força e determinação da mulher – mulher nordestina.

Eu não inventei essa moça. Ela forçou de dentro de mim a sua exigência. Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota. A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. Só eu a amo. (Lispector, 1998, p. 37)

Macabéia é uma imigrante nordestina que vive desajustada no Rio de Janeiro, o que a torna uma personagem intrigante para quem busca compreendê-la. Apesar de transparecer insignificância e apagamento no meio social em que está inserida, como a própria escritora elucida, "ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham"<sup>29</sup>, a autora permite que ela tenha voz através de seus próprios questionamentos, sua ansiedade por querer descobrir, sua insistência em continuar (apesar de estar sozinha), entre outras marcas de (re) existência.

#### **4 ENTRE MORTE E LIBERDADE: A (RE)EXISTÊNCIA FINAL**

Compreender Lispector por intermédio de sua escrita é uma tarefa possível, apesar de complexa. A narrativa no entorno de Macabéia não trata apenas de uma jovem nordestina desafortunada, alienada, desprovida de beleza, mas de uma mulher buscando seu espaço numa sociedade que a marginaliza a todo custo, uma sociedade a qual a rejeita quando tenta sabotar a sua própria existência enquanto sujeito de suas próprias decisões. Por esta óptica, nesta última seção da pesquisa, trataremos dos elementos de reconstrução da personagem, analisando a sua posição na escrita.

##### **4.1. Macabéia: da invisibilidade à escrita da existência**

<sup>28</sup> A autora tinha um desejo profundo de expor em sua personagem, suas inquietações.

<sup>29</sup> LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, RJ, Rocco, 1998, p.20.

"De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que, na certa, está tão viva quanto eu" (Lispector, 1998, p. 24). Neste trecho do romance *A hora da Estrela*, Lispector dignifica sua protagonista colocando-a num lugar de existência, uma condição improvável, posto que a maioria dos estudos de caso sobre Macabéa foca em sua vulnerabilidade social, invisibilidade, alienação, entre outras temáticas.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (Lispector, 1998, p. 18)

No recorte acima estão explícitas as inquietações da romancista a respeito de sua protagonista, ao passo que ela se posiciona e levanta algumas questões acerca da existência do outro. Ocorre, ainda, a reflexão sobre a invisibilidade da mulher no mercado de trabalho, como uma questão associada ao lugar de esquecimento e à desvalorização laboral.

Desse modo, a personagem representa grupos socialmente invisíveis<sup>30</sup>, no entanto, essa condição não elimina seus traços individuais. Seus anseios são explicitados de maneira ingênua, porém ela se posiciona em seus contextos sociais a cada vez que seus opressores tentam silenciar sua voz. Logo, estes traços, que compõem a personalidade da jovem nordestina, são descritos sutilmente por Lispector.

Nascimento (2023, p. 37) salienta que o fato de que a vasta maioria dos estudos desenvolvidos acerca do romance limitou Macabéa ao seu sofrimento e à aparente submissão, no geral, com um destaque importante: a suposta incapacidade da personagem em perceber sua vulnerabilidade. A pesquisadora ainda ressalta que, por conta disso, quando analisada sob perspectivas psicológicas centradas no pouco que a narrativa oferece sobre esse aspecto da personagem, Macabéa é apontada como alguém para quem não há perspectiva de mudança. Assim, ela só pode corresponder a um destino de fracasso, já que no lugar da indignação esperada como resposta ao contexto no qual se insere, a moça chega a afirmar que é feliz; o que soa como um disparate, em se considerando a sua vida.

Em todo caso o futuro parecia via a ser muito melhor. Pelos menos o futuro tinha a vantagem de não ser o presente. Sempre há um melhor para o ruim. Mas não havia nela miséria humana. É que tinha em si mesma uma certa flor fresca. Pois, por

---

<sup>30</sup> NASCIMENTO, Joanne Silva. Vida vaga-lume: resistência e produção de vida em Clarice Lispector. **Universidade Federal da Bahia (UFBA)**, Instituto de Letras, Salvador, BA, p. 14, 2023.

estranho que pareça, ela acreditava. Era apenas fina matéria orgânica. Existia. Só isto. E eu? De mim só se sabe o que respiro (Lispector, 1998, p. 48).

Para Lispector, o fato de Macabéa não se equiparar aos comportamentos padronizados os quais a sociedade espera não significa que a sua existência não transcenda o seu valor, enquanto ser humano, permitindo, assim, que a sua essência e autenticidade sejam refletidas no romance. No entanto, para compreender estes reflexos de (re)existência em Macabéa, requer-se mergulhar no silêncio simbólico desse sujeito, o qual é censurado apenas por não se encaixar nas normas sociais da época, acarretando o fato de sua existência.

Ainda assim, a escritora manifesta uma quebra de expectativas na personagem, pois, em vez da moça reagir às opressões diárias, revidando violentamente, ela se mostra feliz, o que claramente confunde o leitor, pois, aparentemente, essa atitude soa como complacência e conformismo. Em um diálogo com sua colega de trabalho, Glória, Macabéa a repreende quando é insultada pela moça, o que representa os questionamentos psicológicos de sua criadora.

Lispector (1998, p.75)

Quando voltou para a sala de trabalho Glória riu-se dela:

– Você endoidou, criatura? Pintar-se como uma endemoniada? Você até parece mulher de soldado.

– Sou moça virgem! Não sou mulher de soldado e marinheiro.

– Me desculpe eu perguntar: ser feia dói?

– Nunca pensei nisso, acho que dói um pouquinho. Mas eu lhe pergunto se você que é feia sente dor.

Mediante o trecho acima, nota-se a causa do incômodo desta personagem, tanto em Lispector quanto na sociedade, como reflexo de sua persistência na busca de respostas às suas inquietações, apesar de ela não ter consciência disso. Sob esse viés, a crítica de Glória direcionada à Macabéa, quanto ao uso de batom vermelho<sup>31</sup>, faz referência à não-passividade da jovem, visto que, historicamente, este seria um ato de ousadia, atrelado à moralidade.

Dito de outro modo, de maneira pacífica e sutil, a jovem confronta os preceitos do ideal de mulher. Não obstante a sua aparente insignificância existencial, a protagonista de *A hora da Estrela* é pautada do início ao fim do romance, daí a constatação de sua resistência, já que "a única coisa que queria era viver" (Lispector, 1998, p. 34). Em suma, por meio de sua escrita, Lispector permite a ascensão de Macabéa, ainda que simbolicamente.

<sup>31</sup> No período da Segunda Guerra Mundial, o batom vermelho se tornou um símbolo de resistência feminina.

## 4.2. A desconstrução da mulher ideal

O lugar tradicionalmente reservado à mulher na sociedade e, concomitantemente na literatura, legitimado pelo discurso hegemônico, é o do silenciamento (Spivak, 2010, *apud* Rossini, 2014, p. 296), mas com a produção literária de autoria feminina, as personagens ganharam o direito à voz, tornando-se, não raro, narradoras e, como tal, passaram a representar experiências que se distanciam da perspectiva hegemônica masculina.

Para Santos e Sopelsa (2018, p.78) os papéis de gênero apresentados na sociedade são construídos com base em estereótipos, modelos incorporados e vinculados pelo discurso midiático, o qual reproduz desigualdades sexuais e conservadorismo, inserindo a mulher em funções domésticas e privativas, em um invólucro de maternidade.

No tocante à obra de Lispector, a negação de padrões tradicionais de feminilidade é manifestada não como um ato de militância direta, mas como uma constante e profunda interrogação da identidade feminina burguesa e dos lugares sociais impostos às mulheres. Por essa via, a nomenclatura "mulher de soldado"<sup>32</sup> refere-se à mulher que era condicionada pelos estigmas sociais da subordinação feminina predominantes em sua época.

Bourdieu (2002), engendra essa ideia acerca da noção dessas posições sociais direcionadas à mulher:

[...] O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, que estão na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens.<sup>33</sup>

Assim como Lispector, suas personagens possuem particularidades enquanto sujeitos femininos. Nessa ordem, enquanto a tradição literária preza por uma escrita, na qual a mulher deve ocupar espaços construídos pelo sistema patriarcal, a produção da autora descentraliza estes espaços, afastando suas personagens femininas de aspectos atribuídos ao conceito de mulher ideal.

<sup>32</sup> Neste recorte a autora faz uma crítica à posição social de mulheres historicamente marginalizadas.

<sup>33</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.55.

Portanto, o modo com o qual a autora de *A hora da Estrela* (re)constrói a mulher nas suas narrativas por intermédio de suas protagonistas instaura a ruptura dos estereótipos culturais que impregnam a noção do feminino, constituindo, assim, personagens aparentemente alheias à sua realidade, sobretudo, elaboradas a partir de suas próprias inquietações.

Em uma entrevista à revista online Instituto Humanitas Unisinos (IHU) em 2022, a pesquisadora Nadia Batella Gotlib esclarece o pensamento de Lispector acerca dessas implicações e justifica que, embora não se considerasse explicitamente uma autora feminista, ela teve um olhar crítico sobre a estrutura social e patriarcal de seu tempo. Na narrativa, isso ocorre quando a autora apresenta à Macabéa o também nordestino, Olímpico de Jesus, um sujeito extremamente machista e opressor. Possivelmente, em virtude dessas críticas sociais, a escritora tenha se tornado uma das vozes literárias fundamentais para a emancipação e (re) construção da identidade feminina na literatura brasileira, uma vez que sua voz ecoa no lugar da subjetividade da mulher.

Em *A hora da Estrela*, "o direito ao grito" é um dos possíveis títulos do romance, o qual a escritora sugere ao leitor refletir acerca das diversas camadas as quais posteriormente, abordará na obra. A partir dessa curiosidade, Lispector delega à Macabéa o direito de escolha, considerando a natureza de sua escrita. Esta façanha ocorre constantemente na obra; porém, para tal compreensão, é indispensável a construção de uma visão e análise profunda do que está implícito nas entrelinhas da narrativa, uma vez que a personagem apresenta camadas complexas em que flertam com a passividade e com o confronto às normas sociais.

Partindo da ideia de ocupação de um lugar na sociedade, quanto à trajetória de Macabéa, cabe ressaltar o desfecho de sua existência como uma provocação da própria autora quanto à visão de julgamento dos seus opressores. Em outras palavras, a morte da personagem representa, à sua maneira, uma libertação enquanto sujeito oprimido em vida, bem como o início de uma nova era.

[...] Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras — desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria (Lispector, 1998, p. 95).

O recorte acima expõe o início do processo de libertação de Macabéa, a partir do momento da revelação da cartomante "Madama Carlota". Assim que recebe a notícia da possível transformação que lhe ocorreria, a jovem se dá conta do quanto "sua vida era uma

miséria" (Lispector, 1998, p.94), ao passo que “teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como disse, até então se julgava feliz” (Lispector, 1998, p.94-95). Nessas circunstâncias, o processo de travessia de Macabéa ocorre desde o momento em que ela encontra a cartomante.

Desde então, ela experiencia algo novo e distante de sua realidade, assim, tomada pela ideia de reconstrução de sua própria vida, a moça recria um novo espaço, onde ela agora, tem a chance de recomeçar, pois seu sonho de tornar-se “estrela de cinema”<sup>34</sup> floresce em suas esperanças.

Para Almeida (2016, p.133), há diversos desdobramentos possíveis em relação à morte. Nesse sentido, a morte funciona como se fosse o renascimento. A pesquisadora ainda reforça que, para o filósofo Nietzsche, os homens se tornam um pouco deuses na medida em que encaram a morte, aceitando as limitações trágicas que a natureza impõe às vontades. Em Macabéa, a morte simboliza o seu renascimento, uma vez que o apagamento em vida fazia parte do seu cotidiano.

Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes. (Lispector, 1998, p. 36)

O desfecho da história de Macabéa desnuda sua vida e sua libertação, representando os atravessamentos aos quais a mulher é exposta. Assim, após sofrer o acidente que a levou à morte, ela sai de um lugar onde as pessoas próximas a ela a enxergavam como “parafuso dispensável” (Lispector, 1998, p. 36) para um lugar de visibilidade na escrita, simbolizando o seu auge enquanto estrela de um cinema em que a plateia é representada por seus opressores. Sobre a perspectiva da representação Butler pontua que:

[...]Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada[...] (Butler, 2018, p.10)

A jovem nordestina, órfã, corpo apagado, entre tantas... emerge de uma sociedade em que o patriarcado, como prática secular, é capaz de autorizar a disseminação de outros tipos de preconceito. Dessa maneira, a reflexão de Butler revela a urgência do deslocamento da mulher

---

<sup>34</sup> Neste ponto refletimos sobre a ascendência simbólica da personagem.

enquanto corpo apagado e questiona a condição cultural como um dos empecilhos imbricados nas questões de gênero.

Evidentemente, a mulher é representada historicamente pelos "papéis" atribuídos à sua condição; no entanto, através de muitas lutas de resistência, essas atribuições vêm sendo desmembradas e coletivamente transformadas por mulheres que decidiram se impor em vez de permanecerem sob as imposições patriarcais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expectativas criadas em relação a qualquer teoria são o "combustível" para mantermos a curiosidade e, posteriormente, o interesse por um determinado eixo temático. Neste sentido, tratando-se das teorias sobre os estudos de gênero e a representação feminina na literatura, não poderia ser diferente. Por isso, ao longo deste trabalho, analisamos a representação feminina na obra *A hora da Estrela* (1977), abordando os aspectos de resistência presentes na personagem Macabéa.

A perspectiva do apagamento social constituiu-se em um dos elementos essenciais para estudarmos a condição de opressão à qual a protagonista está submetida. Assim, a partir das reflexões de Guacira Louro, adotamos a concepção de ruptura da invisibilidade social a partir da escrita de autoria feminina. Constatamos ainda a existência de uma ideia ilusória de que os aspectos socioeconômicos, étnicos, sexuais ou religiosos amenizam os efeitos do sistema patriarcal. Neste caso, entendemos que os atravessamentos sob os quais a mulher está exposta, desencadeiam uma série de camadas a serem investigadas e discutidas nos estudos que envolvem questões de gênero.

A obra trata de questões atemporais ao descrever a mulher, segundo as ideologias machistas, visto que essas reflexões se mostram recorrentes até os dias de hoje. Na narrativa nos deparamos com temáticas como a exclusão social e a submissão, bem como a beleza como garantia de suporte ao matrimônio e posteriormente, à ascensão social. Dessa forma, a autora expõe como a mulher é vista sob as lentes do patriarcado: o sujeito feminino é moldado socialmente desde o nascimento e, claramente, seu dever é ocupar o lugar do apagamento.

Ainda assim, a narrativa no entorno de Macabéa reflete os traços modernistas na escrita de Lispector, pois a autora emerge à modernidade quando desloca o sujeito feminino na busca de meios de sobrevivência, uma vez que a personagem é colocada em um espaço onde, segundo o sistema patriarcal, deveria ser ocupado exclusivamente pelo sujeito masculino. Portanto, a protagonismo da personagem, não se limita à história contada e interpretada, muitas vezes, pela

mesma ideia de subjugação, alienação e silenciamento, mas pela transcendência e ruptura instituída na escrita de autoria feminina.

Outrossim, notamos a necessidade de trazer para a realidade atual a noção de reconstrução feminina, observando a maneira na qual Lispector trabalha, em sua obra, os discursos e práticas de subjugação, onde ela aponta como a violência simbólica contra a mulher atua na sociedade e, por vezes, este ato sequer é percebido pela vítima. Isso ocorre, não porque a vítima não sinta, mas pela pressão cultural de uma sociedade extremamente heteronormativa, branca, elitista e preconceituosa. Dessa forma, cabe mencionar a figuração de outras Macabéas na sociedade atual, mulheres cuja condição constitui uma das causas de atos de extrema violência física e simbólica.

De um lado temos a manifestação do machismo estrutural, do outro temos milhares de vítimas, notadamente mulheres, como a jovem Juliana Garcia dos Santos Soares<sup>35</sup>, agredida brutalmente com mais de sessenta socos pelo companheiro, assim como há outros casos de violência contra a mulher, que nos chama atenção, as quais perderam membros do próprio corpo ao serem violentadas, mais uma vez, pelo próprio companheiro. Na esfera política, um sistema majoritariamente masculino, temos Dilma Rousseff, a primeira mulher a ser Presidente no Brasil, fato que soou como um confronto às normas machistas, causando a sua retirada do posto<sup>36</sup>. Portanto, a escrita de Lispector, ainda hoje, diz muito sobre o que ela queria manifestar em Macabéa.

---

<sup>35</sup> COELHO, Thomaz. **Mulher agredida por namorado terá que fazer reconstrução facial**. CNN BRASIL, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/nordeste/rn/mulher-espancada-com-60-socos-vai-passar-por-cirurgia-veja-estado-de-saude/>. Acesso em: 29 de nov. 2025.

<sup>36</sup> Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. Senado Notícias, 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 29 de nov. 2025.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Martha. **Perto do Coração**: Clarice Lispector. Instituto Moreira Salles (IMS). Disponível em: <https://site.claricelispector.ims.com.br/livro/perto-do-coracao-selvagem/>. Acesso: 12 de out. de 2025.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, RJ, Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CORREA, Bruna Camargo. O despertar das paixões: a retórica de Candido na estreia de Clarice Lispector. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 22, n. 3, p. 59-75, 2022.
- DA SILVA, Cecília Sousa. O NEGRO COMO SÍMBOLO DE LIBERTAÇÃO EM ÚRSULA: um olhar par Túlio e Preta Suzana como sujeitos de sua própria história. **REVISTA ZABELÊ-DISCENTES PPGANT/UFPI**, v. 2, n. 2, p. 31-48, 2021.
- DA SILVA, Elizabete Sampaio Vieira; MACHADO, Madalena Aparecida. A hora da Estrela, Clarice Lispector: A travessia final. **Revista Athena**, v. 29, n. 02, p. 31-42, 2025.
- DA SILVA DIAS, Ellen Mariany; PALAZZIO, Letícia. O feminino como projeto literário de Aline Bei em Pequena Coreografia do Adeus e O peso do pássaro morto. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, MG, v. 44, n. 72, p. 233-255, 2024.
- DA SILVA, Gilson Antunes. A viagem, o desejo e a afirmação da vida em Perto do Coração Selvagem, de Clarice Lispector. **Estação Literária**, v. 10, n. 3, p. 123-138, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE ALMEIDA, Adriana Antunes. O não-pensar como espaço da alienação feminina em A Hora da Estrela de Clarice Lispector. **Raído**, Dourados, MS, v. 10, n. 21, p. 130-142, 2016.
- DE FREITAS, N. P. Anotações sobre a trajetória da escrita de autoria feminina. **Revista Inventário**. Salvador, BA, UFBA, 2021, n. 27, 96–117.
- DOS REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.
- DOS SANTOS CARMO, Maria Virgínia Freire. "Lá onde há poder há resistência": governamentalidade e resistência na escola a partir de uma perspectiva foucaultiana. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 17, n. 27, p. 347-361, 2021.
- DOS SANTOS, José Carlos; SOPELSA, Kaona. Papéis de gênero e seus imaginários por Clarice Lispector na imprensa de 1959-1960. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, PR, v. 10, n. 21, p. 77-92, 2018.

EUGÊNIO JUNIOR, A. O legado de Carolina Maria de Jesus para as gerações atuais e futuras. **Plataforma Ancestralidades**, 13 mar. 2024. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/noticias/O-legado-de-Carolina-Maria-de-Jesus-para-as-geracoes-atuais-e-futuras/>. Acesso: 03 de out. 2025.

FALCI, Miridian Britto. Mulheres no sertão nordestino. **Passages de Paris**, n. 20, p.111-125, 2020.

FUNDAÇÃO ITAÚ. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. (org.). Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice, uma Vida que se Conta**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

HOSNI, Victoria Diniz. **A paixão segundo GH: um mergulho nas profundezas da alma**. São Paulo: 2022. Monografia (Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 45. 2022.

ITAÚ CULTURAL. **Escrevivência – Ocupação Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/> Acesso: 05 de out. de 2025.

JUNQUEIRA, Luan Felipe de Souza; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A recusa aos laços: transmissão psíquica em "Laços de Família", de Clarice Lispector. Ribeirão Preto, SP. **Estilos da Clínica**, v. 27, n. 2, p. 217-232, 2022.

LIMA, Maria de Lourdes. Literatura e sociedade em As Meninas, de Lygia Fagundes Telles: uma compreensão histórico-literária da ditadura militar no Brasil. **UNIMONTES: Montes Claros**, 2024.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MENDES, Algemira de Macêdo; OLIVEIRA, Geovana Quinalha de; GARCIA, Lucilene Machado (Org.). **A escrita de autoria feminina: memória, resistência e decolonialidade**. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2023.

MENEZES, Alana Regina Sousa de. A pecadora sitiada e silenciada: uma abordagem sócio-biográfica da dramaturgia de Clarice Lispector. **ANTARES**, v. 9, n. 18, 2016.

NASCIMENTO, Joanne Silva. Vida vaga-lume: resistência e produção de vida em Clarice Lispector. **Universidade Federal da Bahia (UFBA)**, Instituto de Letras, Salvador, BA, 2023. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. (org.). Audre Lorde. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

**Revista Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, 2022, ed. 552. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7826-clarice-lispector-a-delicadeza-e-contundencia-de-uma-literatura-de-liberacao> Acesso em 09 de nov. de 2025.

ROCHA, Gabriela de Cássia Savério. Carolina Maria de Jesus: violência de gênero e sua trajetória. **Revista Aurora**, v. 16, n. 2, p. 61-86, 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

TEIXEIRA, Faustino. Clarice Lispector: A delicadeza e contundência de uma literatura de liberação. **Revista Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, 2022, ed. 552. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7826-clarice-lispector-a-delicadeza-e-contundencia-de-uma-literatura-de-liberacao> Acesso em 09 de nov. de 2025

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2013.